

Um olhar bakhtiniano sobre a pesquisa nos estudos do discurso¹

Maria Bernadete Fernandes de Oliveira ²

Resumo: Esse artigo objetiva discorrer sobre a contribuição de Mikhail Bakhtin para investigações na área dos estudos da linguagem, desenvolvidas nos limites do paradigma qualitativo, entendendo que para compreender e interpretar a fluidez e a dispersão dos fenômenos discursivos torna-se necessário uma abordagem teórico-metodológica que possibilite a aproximação do objeto de estudo em sua complexidade .

Palavras-chave: Produção do conhecimento; Práticas Discursivas; Pesquisa Qualitativa

1.INTRODUÇÃO

N o campo dos estudos linguísticos, há um certo tempo, pesquisadores como Faraco(2001) e Geraldi (2010) apontam para a necessidade de que se rompa com a hegemonia do modo lógico-gramatical de se olhar para a linguagem, orientando-se os processos investigativos para uma linhagem teórica que, fundamentada na intersubjetividade, compreenda a língua como uma prática discursiva. Na área da Linguística Aplicada, por exemplo, assume-se como objeto de estudo os usos da linguagem em contextos específicos (Signorini, 2008), defendendo-se uma pesquisa que vise dar conta dos significados presentes no mundo social, a partir da ideia de que a linguagem é uma atividade realizada entre sujeitos em relações sociais definidas. Assim sendo, o conjunto desses estudos entende a

¹ Esse texto foi originariamente apresentado como palestra durante o II Simpósio Internacional de Análise Textual dos Discursos, realizado em Natal, em dezembro de 2010.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: mariabernadete01@gmail.com

necessidade de se considerar a situacionalidade cultural, histórica e institucional da ação mediada semioticamente que venha se transformar em objeto de estudo.

Bohn (2005), ao discorrer sobre a pesquisa na área da LA, afirma que esta deveria caminhar na direção de escapar de um paradigma de ciência autoritário, regulatório assumindo como pressuposto para a produção do conhecimento o abandono das fronteiras rígidas entre as disciplinas, transitando pelas margens, libertando-se de hierarquias e posições canônicas universalizantes, predeterminadas e preestabelecidas.

Moita Lopes (2006), por sua vez, sugere a revisão dos modos de fazer pesquisa, nesse campo do conhecimento, adotando-se no processo investigativo o princípio ético preliminar de não causar sofrimento humano, politizando essas práticas sociais.

Esses dizeres instigam a ciência a ser parceira na contemplação e transformação do mundo, dialogando com a vida, sem descartar outras formas de conhecimento, enfim, ciência entendida como uma prática social de conhecimentos. Sobressaem, nessa direção, os escritos de Santos (2007, 2008, 2011) que refletem sobre os elementos que deveriam se fazer presentes na produção de um conhecimento interessado, seus parâmetros, seus endereçamentos, avançando para uma reflexão pós-abissal, aquela que transgride as linhas cartográficas “abissais”, que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na era colonial e que subsistem no pensamento moderno ocidental. Segundo aquele autor, a construção de um pensamento pós-abissal coloca alguns princípios que podem ser concretizados em premissas para uma produção do conhecimento que, assentada em uma “ecologia dos saberes”, em uma razão ‘cosmopolita’, em uma sociologia “das ausências”, amplie os limites fugidios do presente e possibilite a emergência de um futuro mais justo.

Em síntese, diríamos, atos de conhecer ancorados em princípios teóricos e metodológicos que orientem a compreensão da natureza fluida e contingente das relações sociais humanas materializadas semioticamente e circulantes no mundo de hoje (Bauman, 1998), captando as nuances de uma interculturalidade, não ingênua, implicada no confronto, nas trocas, no entrelaçamento de posicionamento (Canclini, 2005).

Para dar respostas a essas questões, o modo de fazer pesquisa nas Ciências Humanas, na atualidade, pauta-se cada vez mais por um paradigma de

Ciência, denominado de qualitativo, cujas origens, historicamente, remontam ao final do século XIX, ao instaurar-se a “crise das ciências humanas” e seus questionamentos mais significativos dirigidos ao primado da cientificidade, materializada na ideia de verdade absoluta; da racionalidade como característica única e definidora do ser humano; e da compreensão idealista do indivíduo.

Sem dúvidas, questionamentos ancorados em pensadores como Nietzsche, Freud, Marx e seguidores, avançando no século XX, na direção de superar as certezas absolutas, a fixidez, a transparência e a ordem imutável dos acontecimentos, eventos e discursos, caminhando para além de um método científico de base cartesiana, propondo que a pesquisa leve em consideração aspectos relacionados ao sujeito, ao tempo, à historicidade, à subjetividade e à ética (Schnittman, 1996; Laville e Dionne, 1999).

Com esse entendimento, considera-se que o princípio advindo da pesquisa experimental, dominante nas Ciências da Natureza e Exatas, torna-se insuficiente para dar respostas às investigações que, no campo das Ciências Humanas, consideram seu objeto de estudo como sendo multifacetado, repousando em multicausalidades.

De acordo com Bogdan e Blikem, as raízes do paradigma qualitativo são diversas, desde a Escola de Chicago até as influências do movimento feminista e das inovações tecnológicas nos anos 90, assumindo esse paradigma algumas características como, por exemplo, conceber que a fonte direta dos dados é o ambiente natural do objeto a ser estudado; que o significado é de importância vital; interessando-se seus pesquisadores muito mais pelos processos investigativos do que propriamente pelos produtos. Adota-se uma variedade de abordagens, tais como a hermenêutica, a fenomenologia, os estudos culturais, a abordagem sócio-histórica -cultural, tendo como metáfora central em sua vertente atual o cristal que, no dizer de Denzin e Lincoln (2006), cresce, muda, altera-se e é capaz de refletir e refratar a exterioridade e a si mesmo.

A pesquisa no paradigma qualitativo implica em que se enfatizem as qualidades, os processos e os significados dos objetos de estudo, ressaltando seus pesquisadores a natureza socialmente construída da realidade e a relação íntima entre pesquisador e pesquisado. Decorrem desses pressupostos, quatro dimensões básicas, caracterizando o processo investigativo como um todo, quais

sejam, as dimensões axiológica, ontológica, epistemológica e metodológica (Lincoln e Guba, 2006).

A dimensão axiológica, constitutiva desse paradigma, remete para relações com a ética, com os valores, faz-se presente na investigação desde a escolha do problema da pesquisa, até o tratamento que é atribuído aos dados, no processo de análise; a dimensão ontológica abriga um entendimento consensual, em todas as vertentes desse paradigma, sobre a natureza múltipla, construída socialmente e discursivamente do objeto a ser conhecido; já com relação à questão epistemológica pressupõe-se que a relação entre pesquisador e objeto de pesquisa trata-se de uma relação intersujeitos; e, por último, a dimensão propriamente metodológica, na qual se privilegia a realização de pesquisas centradas na singularidade do objeto, como os estudos de caso, as histórias de vida ou adota-se uma perspectiva participativa, nos moldes dos vários tipos de pesquisa-ação, orientadas as análises para operações de compreensão e interpretação dos dados, discursivamente construídos (Bogdan e Blikien, 1994).

Ao considerar a história das ideias sobre a linguagem, acreditamos encontrar nos escritos de M. Bakhtin um conjunto de orientações teóricas e metodológicas que, a nosso ver, fazem eco às discussões travadas recentemente com relação aquilo que poderia caracterizar a produção do conhecimento no campo das Ciências da Linguagem e das Ciências Humanas. A partir desse entendimento, nesse artigo, coloca-se com o objetivo refletir sobre o pensamento daquele autor, buscando confrontar possíveis orientações presentes em seus textos com os pressupostos inscritos nos marcos do paradigma de investigação qualitativa.

2. PERCORRENDO ESCRITOS DE MIKHAIL BAKHTIN E DE OUTROS

Iniciaremos nosso percurso com a apresentação de algumas ideias de Mikhail Bakhtin, tomando como ponto de partida o texto *Para uma filosofia do ato* (Bakhtin, 2010), buscando relacionar o ato cognitivo com as dimensões axiológicas, ontológicas, epistemológicas e metodológicas presentes no paradigma da pesquisa qualitativa.

No texto acima mencionado, Bakhtin propõe-se a discutir princípios que deveriam reger uma filosofia primeira, entendida no sentido aristotélico, uma filosofia que se preocupe em compreender o ser enquanto ser, isto é, que trate do ser humano no processo de sua existência. Para tanto, ele visita o mundo da cultura de sua época, o mundo onde são produzidos conhecimentos e artes³, traçando aquilo que poderíamos chamar de um Estado da Arte das teorias mais expressivas até então produzidas e em circulação. Nesse diálogo, particularmente com teorias pertencentes ao campo da ciência, da filosofia, da ética e da estética, afirma aquele autor, que estas teorias seriam portadoras de um atributo, por ele denominado de teoreticismo.

Isto é, a produção do conhecimento realiza-se descolada do ser e de sua existência concreta nos eventos do mundo da vida, gerando dessa forma conhecimentos que remetem, de um lado, para verdades generalizantes, de outro, por apostar em valores abstratamente construídos, apontam para um dever ser absoluto.

Em sua crítica aos princípios universalizantes que regem essas teorias, defende a posição de que qualquer investigação ou qualquer formulação teórica que pretenda dar conta da existência do ser e apresentar orientações para sua vida teria necessariamente como ponto de partida o mundo da vida, aquele mundo onde os seres humanos vivem, criam, conhecem, contemplam e morrem, o mundo onde se realiza o ato ético, definido como a ação humana concreta, responsável, posicionada, emergindo em relações intersubjetivas.

A postura universalizante assumida por aquelas teorias, afirma Bakhtin (2010), ancora-se em uma noção de verdade universal, pré-fixada, tida como natural – “istina” - , ancorada em construtos sociais cujas raízes podem ser encontradas em uma tradição conservadora (Bornheim, 1987), em detrimento de uma verdade temporária, sempre em construção – “pravda” -, verdade própria da produção do conhecimento nas Ciências Humanas, aquelas como diz Ribeiro (1999), que não possibilitam uma fixação em um chão firme, porque são verdades sempre em movimento, sempre em construção.

³ Nesse artigo, limitado à temática da produção do conhecimento, trataremos apenas do ato de conhecer, deixando de lado as preocupações desse autor com o ato estético, embora tenha conhecimento de que os atos cognitivo, ético e estético são apenas faces de uma mesma ação humana.

Ao questionar a arrogância da verdade única, Bakhtin posiciona-se face a uma ciência interessada, a qual, nas palavras de Laville e Dionne, seria aquela que se apresenta “... com as cores daqueles que a construíram e daqueles que utilizam esse conhecimento, em outras palavras, com seus valores...” (Laville e Dionne, 1999:94). Ou seja, a ideia de que o ato do conhecer tem cores porque o mundo da vida, que esse ato pretende representar, é múltiplo, complexo, assim como os seres humanos que nele habitam. Traduzindo essas cores por jogo de valores, podemos pensar que todo e qualquer conhecimento é atravessado por visões de mundo, inscrevendo-se portanto no eixo axiológico.

Contudo, a crítica ao modo de produzir conhecimento, na figura do teoreticismo, não torna Bakhtin avesso às teorias. Pelo contrário, Bakhtin (2010) considera que é papel do mundo da cultura realizar atos investigativos, de forma a tornar “verdades conhecidas”, fatos cuja veracidade é inegável, como por exemplo as leis da gravidade descobertas por Newton.

Um exemplo clássico, na área dos estudos da linguagem, diz respeito à noção de língua, cuja existência e veracidade como um sistema de signos, através da história da humanidade, é inquestionável. No entanto, foi preciso a reflexão saussuriana para que fosse revelado o modo de funcionamento sincrônico e estruturado em níveis desse sistema, permitindo esse conhecimento revelado sobre a natureza sistêmica e estruturada da língua, a descrição e classificação dos diversos níveis estruturais das línguas, inclusive, realizando um inegável serviço à história da humanidade ao preservar, pela descrição, as línguas em extinção. O problema com esse entendimento da noção de língua, tornando esse conhecimento próximo daquilo que Bakhtin (2010) denominou de teoreticismo, reside no fato de que, tornou-se sinônimo da totalidade da língua, assumindo-se como uma verdade única (istina) e generalizada, orientando um dever ser único para seu estudo e para seu processo de investigação, até hoje, diríamos hegemônico.

Na verdade, a crítica ao teoreticismo não pressupõe abandonar a reflexão sobre a realidade, sobre o mundo concreto, como forma de conhecê-lo. Ao contrário, de nosso ponto de vista, o pensamento bakhtiniano considera que o ato de conhecer é fundamental como ação de descoberta, como investigação para chegar a verdades (*pravda*) e não a verdade única (*istina*), nem a um dever moral absoluto para todos. E, isso, exatamente porque as verdades

construídas pelos seres humanos em sua existência, no mundo da vida, não são únicas e, assim sendo, não geram normas válidas para todos em todos os momentos. Nesse sentido é que, em uma filosofia primeira, o ato cognitivo deveria ter como ponto de partida os seres humanos e suas ações, seus atos éticos, singulares, irrepetíveis, não idênticos a si mesmo.

Contudo, o que acontece, afirma Bakhtin (2010), é que o processo de conhecer, gerador do teoreticismo, ao considerar seu objeto - o ser - apenas como um sujeito gnosiológico, ou seja, abstratamente, esquecendo o ser vivido em sua existência concreta, transfere as avaliações valorativas presentes nos atos produzidos por esse ser no mundo da vida, para uma unidade abstrata, generalizada, no mundo da cultura, impossibilitando dessa forma o reconhecimento das verdades e do dever, singulares, presentes na eventicidade do ser.

Dessa forma, diz ele, tentar superar a dicotomia entre conhecimento e vida a partir do interior do conhecimento teórico, como o fazem a maioria das teorias, é praticamente impossível, porque o mundo teórico, ao se fechar em suas próprias fronteiras, não comporta o ser em sua existência, “... *nele, por princípio não tenho lugar.*” (Bakhtin 2010: 52).

Generalizando-se a noção do dever, ignora-se o fato de que o ato de conhecer encontra seu objeto de estudo já atravessado por valores, ou seja, aquilo que se apresenta para ser conhecido não é uma coisa vazia, mas algo inscrito em uma realidade complexa, diversamente valorada, tendo como motivação aquilo que Bakhtin chama de “contexto afirmado de valores”, construídos pelos seres humanos, ao longo de sua historicidade, em suas relações com o outro, instaurando-se assim o ponto de vista ético, a relação com os valores, desde o início da noção do que seja o ato cognitivo (Bakhtin, 2010).

Essa discussão sobre as ideias de Bakhtin permite o entendimento, partilhado pelo paradigma qualitativo, na visão de Lincoln e Guba (2006), de que a dimensão axiológica é inerente ao processo investigativo como um todo.

E a dimensão ontológica, como se apresenta o objeto a ser conhecido? Vejamos. No texto *Metodologia das Ciências Humanas* (Bakhtin, 2003), ele diz que o objeto de estudo das Ciências Humanas é o ser humano e sua dialógica interior-exterior, um ser que é situado em um dado contexto e que também possui horizonte próprio, ou seja, um ser histórico, posicionado e portador de subjetividade. Um ser expressivo e falante que não coincide consigo mesmo,

que é inacabado, que apenas se constitui na interação de duas consciências, que age responsivamente em relação a seu outro. Um entendimento de ser humano, em consonância com as noções de sujeito da contemporaneidade, que são considerados como plurais, inacabados, sobre quem nada se pode garantir com exatidão (Hall 2005; Geraldi, 2010). Como dizem Faraco e Negri (2001), um ser de linguagem, constituído na relação com a alteridade, portador de voz e de ponto de vista.

Essa complexidade do objeto de estudo, por sua vez, traz implicações concretas para a dimensão epistemológica, para a relação entre pesquisador e pesquisado, que segundo nosso entendimento assume uma dupla orientação valorativa. De um lado, a atitude do pesquisador para com o conhecimento a ser produzido, de outro para com o objeto a ser conhecido.

Retomando uma ideia, presente em *Para uma Filosofia do Ato* de que não há álbi para o ser em sua existência e parafraseando o texto Arte e Responsabilidade (Bakhtin 2003), diríamos que o pesquisador, do ponto de vista do conhecimento a ser produzido, deve ser responsável pelo que vivenciou e pelo que compreendeu no processo de investigação, para que tudo aquilo vivido e compreendido não permaneça sem ação na vida. Essa ideia, retomada em *O Problema do conteúdo, do material e da forma* (Bakhtin, 1990), explicita o fato que a pesquisa, resultante de atos cognitivos, para ser fiel ao mundo da vida, é preciso um comprometimento do pesquisador com seu objeto de estudo, pois segundo ele, o ato cognitivo, a ciência em si, não entra em relação direta com a realidade, com a existência do ser, quem entra em relação com a existência do ser é o sujeito ético, no caso o pesquisador. Nessas afirmações subjaz uma ética da responsabilidade, ancorada na noção de que o ser não tem álbi para sua existência, comprometendo o pesquisador com o conhecimento que produz, na medida em que para Bakhtin, a questão da ética não se coloca como normas morais, válidas por si mesmas, o que existe, diz ele, é um sujeito ético com determinada consciência, e “...ele saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral, ou mais precisamente o dever ...” (Bakhtin, 2010: 48). Ou seja, nesse contexto a indagação pertinente é “a quem interessa o conhecimento a ser produzido”, um questionamento que remete para uma reflexão sobre o eixo axiológico do objeto e dos objetivos da investigação, comprometendo o próprio pesquisador.

Por outro lado, ao considerar a relação pesquisador e pesquisado como uma relação entre sujeitos, a dimensão epistemológica também é atravessada por outra dimensão da ética, que chamá-riamos de uma ética da alteridade, estendendo-se aqui a responsabilidade para com o seu outro, no caso, o objeto a ser conhecido.

Essa dimensão da pesquisa, sustenta-se no dizer de Bakhtin (2003: 374), de que entre sujeitos, as relações dialógicas implicam na garantia de expressão dos pontos de vista desses mesmos sujeitos. São, no seu dizer, relações que envolvem verdades, influências mútuas, mentira, respeito, confiança, desconfiança, em síntese são relações que envolvem pontos de vista positivos ou não. Essa compreensão das relações entre sujeitos desmistifica a visão ingênua de que as relações dialógicas sejam sempre de concordância⁴. Em outras palavras, nessa perspectiva, considerar seu objeto de pesquisa como sujeito, com ele dialogar não significa manter com seus posicionamentos apreciações valorativas sempre positivas.

É conveniente lembrar que a noção de diálogo, na perspectiva dos componentes do Círculo de Bakhtin, - Bakhtin, Medvedev e Vosloshinov - define-se como uma relação intersubjetiva, sempre orientada para o outro, mas que nem sempre implica em concordância. Ou seja, à sua realização não é necessário que os seus interlocutores assumam as mesmas posições, nem se limitem a ter como objetivo a obtenção de um consenso. As relações dialógicas são diversificadas, amplas e complexas, não coincidem com as réplicas do diálogo real. Em resumo, não se pode interpretar as relações dialógicas, em termos simplificados e unilaterais, nem reduzi-las a relações quer sejam de contradição, de luta, ou de concordância, sempre harmoniosas (Bakhtin, 2003). Como bem diz Canclini, *“a conexão e a desconexão com os outros são parte de nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos”* (Canclini 2005: 31).

Desse ponto de vista, o pesquisador não é um observador objetivo, politicamente neutro. Seu posicionamento é o de um observador humano da condição humana e, na relação entre pesquisador e pesquisado, um não pode

⁴ As relações dialógicas, conceito caro para Bakhtin, são definidas em Problemas da Poética de Dostoiévsky. São relações de sentido que se travam entre as vozes sociais, no campo axiológico. Exemplos clássicos de vozes dialogando, são as análises que esse autor realizou na obra de Dostoiévsky (Bakhtin, 1981) e na de Rabelais (Bakhtin 2002).

emudecer a voz do outro. Isto é, ao pesquisador é necessário a clareza de que o ato cognitivo a ser por ele praticado vai encontrar um objeto(sujeito) “... já apreciado e de certa forma ordenado, perante o qual ele deve ocupar, com conhecimento de causa, sua posição axiológica...” (Bakhtin, 1990: 30). Esse posicionamento tem implicações para a noção do que seja interpretar e voltaremos a essa questão posteriormente.

E, com relação à dimensão metodológica? Trataremos a dimensão metodológica da investigação, em três momentos distintos. O primeiro deles tratará do acesso ao objeto a ser conhecido, em seguida trataremos das operações a serem realizadas sobre os dados e, finalmente discutiremos o que se faz relevante considerar na análise dos dados.

O acesso ao objeto de conhecimento, segundo Bakhtin, processa-se pela linguagem⁵. Defende Bakhtin que, diferentemente de outras formas de conhecimento, nas quais há um único sujeito que age, que pratica o ato de cognição e diante dele, “... há a coisa muda...” (Bakhtin, 2003: 400), no âmbito das Ciências Humanas, o objeto de pesquisa não pode ser estudado como coisa⁶. Considerando, pois, que o objeto cognoscível configura-se como sendo sujeito, assim permanecendo não pode tornar-se mudo e seu conhecimento só pode ser dialógico, isto é, um conhecimento que se processa entre sujeitos ativos, responsivos e singulares, que praticam ações valoradas em um dado espaço e tempo.

Retomando sua concepção de ser humano em *Para uma filosofia do ato*, lá encontramos a afirmação de que o ser humano, em sua existência concreta, é compelido a agir e, é através de seus atos que o ser se reconhece e é reconhecido. Segundo ele, o acesso à verdade desse ato se dá pela linguagem. Diz ele, “... Tenho para mim que a linguagem seja muito mais adaptada para

⁵ A natureza discursiva dos dados é um pressuposto da pesquisa qualitativa e, para algumas abordagens principalmente aquelas informadas metodologicamente pelos princípios dos Estudos Culturais (Hall 2003; Canclini, 2005) e da abordagem histórico-cultural (Wertsch, 1993; Smolka 1997), que defendem a construção discursiva da ação humana, apenas através da linguagem é que o acesso ao conhecimento torna-se possível.

⁶ Bakhtin considera que no âmbito das Ciências Humanas o objeto de conhecimento pode ser considerado como “coisa”, ser reificado, desde que dele abstraíam-se as vozes, os pontos de vista, emudecendo-o. Diz ele “...Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa...” (Bakhtin, 2003: 400)

expressar exatamente esta verdade (a do evento do ser) do que para revelar o aspecto lógico abstrato na sua pureza...”⁷(Bakhtin 2010: 83). E continuando essa discussão sobre o desenvolvimento da linguagem a serviço do pensamento participativo afirma que,

“...a expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra : isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena e única pode ser responsabilmente significativa: pode ser a verdade (pravda) ...”(Bakhtin, 2010: 84) .

Ou seja, o acesso e o reconhecimento dos atos éticos e o mundo no qual esse ato é praticado exigem a palavra em sua inteireza, em seus aspectos conceitual, imagético e entonacional. Por outro lado, diz ele, os objetos a serem conhecidos não são simplesmente dados, não são indiferentes, apresentam-se sempre com algo a ser realizável e desejável, com seu valor. E, a palavra, diz ele, é capaz de apreender essa natureza do objeto, porque ela também não conhece um objeto como algo simplesmente dado, ou seja, ao dizer-se algo sobre um objeto implica em assumir uma certa atitude sobre esse objeto e, é por esse motivo, que a palavra não é apenas uma roupagem externa que designa um objeto, uma entidade pronta. A palavra assume um posicionamento sobre esse objeto, uma atitude efetiva e interessada, em síntese uma atitude valorativa. E, nesse processo, a palavra torna-se “... momento de um evento vivo...”(Bakhtin 2010: 86).

Ao considerar a linguagem como a materialização semiótica dos atos éticos, o pensamento bakhtiniano, aponta para uma relação constitutiva da linguagem com a realidade e de sua relevância ao se pretender formular princípios para uma filosofia primeira, relação essa que vai ser retomada por Voloshinov em *O discurso na vida e na arte* (1977) e em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1992) e, por Medvedev (1985), quando ao falar da relação plural da linguagem com as diversas esferas de criação ideológica, alerta para a especificidade de cada uma dessas esferas, sendo erro grosseiro ignorar que, em

⁷ Bakhtin refere-se a concepção de linguagem hegemônica na Linguística de seu tempo, caudatária de uma visão leibniziana do signo .

cada uma dessas esferas, a linguagem faz uso de formas e artifícios diferentes de refratar a realidade.

Contudo, a nosso ver, é no texto *O discurso no romance* (Bakhtin, 2003), que a ideia da linguagem refletir e refratar a realidade, em uma relação constitutiva, apresenta-se de forma mais explícita, a partir da noção de linguagem como uma heteroglossia axiologizada e seu modo de funcionamento intrinsecamente dialógico. É assim que a linguagem, como atividade socialmente construída, materializa-se em enunciados, semiotizando os atos praticados pelos seres humanos, possibilitando o acesso aos posicionamentos discursivos presentes, de forma explícita ou não, nas relações dialógicas que se travam entre as vozes sociais presentes nesses mesmos enunciados.

Especificando seu ponto de vista, metodologicamente, Bakhtin afirma que o objeto a ser conhecido pelo ato cognitivo, em um dado evento de sua existência, não poderia ser pensado pelas ciências que “... procuram o que permanece imutável em todas as mudanças...” (Bakhtin, 2003: 395). Segundo ele, todo o aparato metodológico das ciências matemáticas e naturais orienta-se para o domínio do objeto reificado, mudo “... que não se revela na palavra, e que não comunica nada a respeito de si mesmo...”, desconhecendo, nesse caminho, a palavra como objeto de orientação (Bakhtin, 1990: 150). Isso também acontece, diz ele, no próprio âmbito dos estudos da linguagem, quando a palavra é “... percebida de modo objetual (como uma coisa)”, reificando o sentido, deixando de fora os sujeitos do discurso e os processos de significação e valoração que são constitutivos da palavra, do enunciado. (Bakhtin, 1990: 151).

Em resumo, concebendo a linguagem em sua natureza complexa, singular, uma prática discursiva é que ela possibilita compreender e interpretar aquilo que com e na linguagem pode se dizer dos seres humanos, de suas ações, de suas subjetividades e de suas relações com a alteridade que lhe é constitutiva, ou seja, reconhecer o ser e ser por ele reconhecido, tornando-se assim o modo privilegiado de acesso ao conhecimento sobre esses seres humanos, seus atos, o mundo no qual vivem.

Finalizamos esse item com as palavras de Bakhtin (2003: 319), em seu dizer que, “... o texto é o dado(realidade) primário e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas...”, o objeto real de investigação é o ser humano social, que fala e exprime a si mesmo e aos outros, o foco de uma

investigação sobre esse ser são pois os textos criados e a serem por ele criados. É nesse sentido que a investigação se torna diálogo.

E, com essa colocação, reforçada ainda pelo dizer de Bakhtin (2003: 319) de que os signos portam significação, e que seu estudo começa obrigatoriamente pela compreensão, iniciamos a discussão sobre uma segunda especificidade da dimensão metodológica, as noções de compreensão e de interpretação.

A noção de compreensão e de interpretação, para esse autor, apresenta algumas características. Primeiramente, vale ressaltar que sua noção de compreensão implica em um processo ativo de atribuir juízo de valor ao objeto de estudo⁸ que se busca compreender e interpretar, na medida em que a compreensão “... completa o texto: exerce-se de uma maneira ativa e criadora...” (Bakhtin, 2003 : 378), ou seja, ao assumir essa atitude responsiva face ao discurso do outro, configura-se a compreensão como realizando-se na interação de duas consciências, igualmente ativas e responsivas .

Uma particularidade igualmente importante diz respeito ao fato de que o ato cognitivo de compreender não deveria cingir-se aos limites do tempo presente, porque segundo ele, “... ao avaliar seu dia-a-dia, a sua atualidade, as pessoas tendem sempre a cometer erros...” (Bakhtin, 2003: 359), pelo fato de que “... tudo que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele...” (Bakhtin, 2003: 363). Em outras palavras, o autor adverte para a necessidade de que a análise dos enunciados concretos não seja descolada de um contexto mais amplo, nem de seu horizonte social, ou melhor, que não se cinja ao pequeno tempo, o tempo da atualidade que engloba apenas o passado imediato e o futuro previsível. Ou seja, Bakhtin nos leva a pensar naquilo que ele chama de “tesouros do sentido”, a historicidade dos sentidos, dos eventos vivenciados pelos seres humanos, que se encontram discursivamente materializados nas diversas esferas da criação ideológica, da ciência, da arte, da filosofia, do cotidiano, remetendo para a noção de “grande tempo”, local privilegiado do diálogo infinito e inacabável, no qual nenhum sentido morre.

Se a noção de compreensão exige uma aproximação, um ir até a subjetividade alheia, reconhecer seus pontos de vista, com eles dialogando, o

⁸ O fato do objeto de estudo ser valorado permite-nos compreender porque os enunciados concretos nos falam de “coisas belas e feias, verdades e mentiras”, enfim de práticas discursivas valoradas (Bakhtin, 2003)

processo de interpretação daquilo que é objeto de compreensão, por sua vez, exige do pesquisador um distanciamento, o assumir uma posição exotópica⁹ em relação aos seus dados, de forma a possibilitar o confronto com outros sentidos, porque no dizer de Bakhtin, “a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão...” (Bakhtin, 2003: 366) e, complementa ele, é o assumir esse distanciamento que se instaura a possibilidade de se colocar novas questões aos posicionamentos alheios.

Então, a noção de interpretação implica em uma tomada de posição do sujeito cognoscente sobre o dizer do sujeito cognoscível, apontando para uma visão não ingênua do que seja dialogar com os dados, no caso, os enunciados que vão se tornar objeto de análise. Ou seja, considerar o objeto de pesquisa como sujeito, com direito a voz, exercendo uma compreensão ativa de sua subjetividade, implica em que o pesquisador, no processo de interpretação, aquele de dar respostas ao enunciado alheio, o faça “...sem renunciar a si mesmo, ao seu lugar no tempo, à sua cultura ...” (Bakhtin, 2003: 366).

Isto é, ao mecanismo da interpretação é inerente o posicionamento do pesquisador, nesse sentido, Amorim (2008) defende que o pesquisador deve fazer valer seu posicionamento exotópico, inclusive para revelar ao outro aquilo que ele, nele mesmo, não pode ver. Esse mesmo pensamento é partilhado por Canclini, que afirma ser necessário, no processo de interpretação, deslocar-se entre os eventos discursivo em análise não simplesmente para “representar” as vozes lá presentes “...*Não para ver o mundo de um só lugar da contrição mas para compreender sua estrutura atual e sua dinâmica possível...*” (Canclini, 2005: 207).

E, entramos na terceira especificidade da dimensão metodológica, aquela que trata propriamente do que analisar em um dado texto. Bakhtin é muito claro e até repetitivo em dizer que o objetivo da investigação nas Ciências Humanas é o de compreender as vozes sociais e suas relações dialógicas presentes nos enunciados concretos. O que analisar então? A resposta a essa questão, a nosso ver remete, para duas orientações *sui generis* no pensamento do Círculo, que diz respeito de um lado, ao estudo dos processos de transmissão e apropriação das vozes alheias, de outro para a relação entre forma e conteúdo.

⁹ A noção de exotopia, entendida como um posicionamento do sujeito, possibilitado pelo excedente da visão humana, é utilizado no contexto da discussão que Bakhtin trata sobre o autor-criador no texto *Autor e Herói* (Bakhtin, 2003)

Retomando a ideia de que as vozes sociais são pontos de vistas, manifestando nos enunciados os posicionamentos dos interlocutores, e que os enunciados se constroem em uma cadeia enunciativa, em uma relação de sentido e valores entre enunciados ditos e ainda não-ditos, é que se coloca a importância para a dimensão metodológica de uma investigação, na perspectiva bakhtiniana, da compreensão e da interpretação de como se realiza o processo de transmissão e de apropriação da voz alheia.

Essa temática é tratada por Voloshinov (1992), afirmando esse autor que as formas de apropriação e transmissão do discurso alheio podem ser agrupadas em duas formas estilísticas: estilo linear e estilo pictórico. Em linhas gerais, o estilo linear tende a preservar o discurso do outro, mantendo ao máximo sua integridade e autenticidade, enquanto que o pictórico apresenta, como marca principal, a tendência a apagar as fronteiras entre os discursos do eu e do outro, atenuando-se os contornos que separam os dois tipos de discurso, podendo o autor, deliberadamente ou não, no seu dizer, tingir o discurso do outro com suas palavras, seus senso de humor, enfim com suas apreciações valorativas. Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoiévsky* (1981), discute amplamente as modalidades do estilo pictórico, explorando a bivocalidade, em suas manifestações estilísticas mais expressivas nos fenômenos conhecidos como estilização, paródia, skaz, polêmicas veladas e explícitas, entre outros.

Em “O Discurso no Romance” (Bakhtin, 1990), retoma a temática, ampliando a questão da apropriação e transmissão da palavra alheia através das noções que ele nomeia de “palavra de autoridade” e “palavra persuasiva”, fazendo introduzir a questão do jogo das forças sociais, do jogo de poder existente nessas duas modalidades de apropriação e transmissão do discurso alheio. Em nosso entendimento, do ponto de vista metodológico, Bakhtin enriquece essa discussão ao referir-se aquilo que ele chama de enquadramento da palavra alheia. Diz ele que “... a palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química...”, daí que, “...ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual...”, ainda mais porque, recorrendo a determinados procedimentos de enquadramento, “...pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata...” (Bakhtin, 1990: 141).

A nosso ver, essas colocações são extremamente relevantes ao estudo de como a palavra alheia se faz presente nas práticas discursivas, principalmente, pensando aqui naquelas realizadas nas esferas prevalentes hoje na contemporaneidade, na sociedade do espetáculo – a mídia; e na sociedade do conhecimento – a ciência, que favorecem a manipulação do pensamento alheio, em função dos enquadramentos praticados.

Uma outra contribuição igualmente importante, no que tange à dimensão metodológica, diz respeito à questão da relação forma e conteúdo, na medida em que o modo, como o dizer do ser em sua existência organiza-se semioticamente, aponta pistas para a interpretação desse dizer. Essa estruturação, essa organização do dizer não é ingênua, nem autônoma do dizer. Entram em cena as relações entre as formas arquitetônicas e composicionais dos enunciados, ou seja, na dimensão metodológica ganha espaço a compreensão e a interpretação de como a forma composicional organizada realiza uma forma arquitetônica, aquela que, por sua vez diz respeito ao conteúdo das ações humanas materializadas em práticas discursivas (Bakhtin, 1990).

Assim é que, o pensamento bakhtiniano, ao aceitar a premissa de que o sentido e o conteúdo avaliativo de qualquer enunciado dependem da situação mediata e imediata no qual esse enunciado é produzido, admite juntamente que a forma que determinado conteúdo assume não é estável, fixa, nem é uma mera questão de ordem estrutural ou técnica. A forma de um conteúdo, sua “forma arquitetônica”, não é dada a priori com relação a esse conteúdo. Ao contrário, é sempre constitutiva desse conteúdo e, é no processo de uma atividade criadora que a forma penetra o conteúdo e o transforma em expressão da atitude axiológica ativa do autor do enunciado, nesse processo, a forma desobjetiva-se, passando a constituir parte integrante da natureza singular do enunciado (Bakhtin, 1990).

Conceber a forma como criadora é uma maneira completamente diferenciada daquele entendimento de forma presente no objetivismo abstrato (Voloshinov, 1992). Essa compreensão tem suas raízes no fato que para Bakhtin, as atividades humanas realizadas em qualquer das esferas da criação ideológica, desde aquelas do âmbito da ciência até aquelas do cotidiano (Voloshinov, 1992; Medvedev 1985) são de ordem do “criado”. E essa criação entende a forma como uma ponte necessária para um conteúdo novo, desconhecido,

“criado”, rompendo com a visão de forma entendida como visão de mundo velha, estagnada, fixa e universalmente compreendida (Bakhtin 2003: 405).

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Ao iniciar esse artigo nos comprometemos em discutir possíveis analogias entre os pressupostos do paradigma qualitativo e o pensamento bakhtiniano, no sentido de contribuir com investigações cujo objeto de estudo seja o ser humano em suas práticas discursivas, produzidas nas diversas esferas da vida humana em sociedade.

Nossa reflexão aponta para a existência dessas analogias, ainda que vários leitores e interpretes dos textos de Bakhtin afirmem que nada mais anti-bakhtiniano do que se falar em teorias ou em metodologias.

Concordamos com essa posição se entendemos teorias como sistemas fechados e método como um caminho a ser seguido nos moldes cartesianos. O próprio autor deixa claro seu posicionamento contrário a essa visão teórico-metodológica, desde seus primeiros textos, explicitando ainda no texto *Metodologia das Ciências Humanas* (Bakhtin, 2003), quando afirma que discorda das visões formalistas que analisam o texto como produto e daquelas dos estruturalistas que tratam as oposições e alternâncias como categorias mecânicas e suas relações restritas ao âmbito das relações lógicas. Nesse mesmo texto ainda ele reconhece que o estudo dos sentidos dos enunciados não pode vir a ser “... científico na acepção de índole científica das ciências exatas...”, contudo, complementa ele, citando Avierintisiev, cabe reconhecer esse estudo como “... uma forma heterocientífica do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão...” (Bakhtin, 2003:399). Em seu último texto, *Apontamentos de 1970-1971* (Bakhtin, 2003), mais uma vez, refere-se a essa temática dizendo que o enunciado como uma unidade pertencente a um campo novo, “... dirigido por uma lei específica e para ser estudado requer uma metodologia especial...” (Bakhtin, 2003:371).

A nosso ver, portanto, é possível falar em orientações teóricas e metodológicas no pensamento bakhtiniano, situando-se o referencial conceitual construído por Bakhtin em perfeita consonância com a cultura contemporânea que considera a ciência como uma construção social, um sistema aberto que

interroga as barreiras disciplinares criadas entre ciência e filosofia, propondo um novo método que busque “... não um conhecimento geral nem a teoria unitária...”, mas que vise propor um caminho “... que detecte (nos fenômenos sociais e humanos) as ligações e as articulações ...” (Schnittman, 1994:15).

É, portanto, com um modo de produção de conhecimento que assuma sua natureza interessada, que considere o acesso a esse conhecimento processando-se pela linguagem, entendida como uma prática discursiva e que introduza a dimensão axiológica em todos os momentos da pesquisa que, acreditamos, poder ser inserido o pensamento bakhtiniano. Em síntese, uma produção do conhecimento que assume a importância de tornar a veracidade dos fatos em verdades conhecidas, apontando, como diz Hall (2003) para um modo de pensar a relação entre o social e o simbólico com base em um olhar dialógico que considera a plurivalência da realidade, considerando que o “espírito uno” é estranho ao mundo da vida, assim como é estranha a verdade única de um único ser ou de uma única voz social. (Bakhtin 1981: 183).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM (2008) Cronotopo e exotopia. In B.Brait(org) *Bakhtin: outros conceitos chaves*. São Paulo. Contexto.

BAKHTIN, M. M. (2010) *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos. Pedro e João editores. Orig. 1919

_____. (1981) *Problemas da Poética de Dostoiévsky*. Rio de Janeiro. Forense. Orig. 1929/63

_____. (2002) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo. Editora Hucitex/ Annablume. Orig. 1946

_____. Apontamentos. (2003) . In *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes. Orig. 1971

_____. (2003) Autor e Herói. . In *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes. Orig. 1921.

_____. (2003) Arte e Responsabilidade. In *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes. Orig. 1919.

_____. (1990) *Questões de Estética e de Literatura*. São Paulo. Martins Fontes. Orig. 1934.

_____. (2003) *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes.

- BAUMAN, Z (1998) *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro. Zahar Editores.
- BORNHEIM, G. (1987) *Tradição e Contradição*. Rio de Janeiro. Zahar Editora.
- BOGDAN, r e BIKLEN. S. (1994) *Investigação qualitativa em educação*. Portugal. Porto Editora.
- BOHN, H. (2005) As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em Lingüística Aplicada no Brasil. In M.Freire;M.H.V. Abrahão, A.M.F.Barcelos (orgs) *Lingüística Aplicada e Contemporaneidade*. Campinas.Pontes.:11-24
- CANCLINI,N (2005) *Diferentes,desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro.Editora UFRJ.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (orgs) (2006). *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- FARACO, C.A. (2001) Pesquisa Aplicada em Linguagem: alguns desafios para o novo milênio.DELTA, v.17.Especial. p. 1-9
- _____ e NEGRI, L. (1998) O falante:que bicho é esse afinal? Letras. Curitiba. n.49. Editora da UFPr. p. 159-170
- GERALDI, J.W. (2010) Sobre a questão do sujeito. In L.de PAULA e G.STAFUZZA (orgs) *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. São Paulo. Mercado de Letras. p.279-292
- _____ (2010) A pesquisa em linguagem na contemporaneidade. In J.W.GERALDI. *Ancoragens :estudos bakhtinianos*. São Carlos. Pedro e João editores.p. 51-64
- HALL, S. (2003) Para Allon White. In. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte. Editora da UFMG. p. 219-244
- _____ (2005) A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A,
- LAVILLE, C e DIONNE, J. (1999) *A construção do saber*.Porto Alegre. Artes Médicas.
- LINCOLN ,Y e GUBA, E. (2006) Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In. DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (orgs). *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed. Pp169-192
- MEDVEDEV, P./BAKHTIN, M. (1985) *Formal method literary scholarship*. London. John Hopkins University Press. Orig.1928.
- MOITA LOPES (2009)Lingüística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes:sexualidade, ética e política. *Gragoatá*. v. 27: 33-50
- RIBEIRO. R.J. (1999) Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo Social* (USP. Impresso), São Paulo, v. 11, n. 1, p. 189-195
- SANTOS, B.de S.(2011) *Épistemologies du Sud*. Études rurales. n. 187 :21-50
- _____ (2007)Para além do Pensamento Abissal:Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, Outubro. 3-46

_____(2008) Do Pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. *Travessias*. nos. 6/7, p. 15-36.

SCHNITTMAN, D.(org). (1996) *Novos Paradigmas, cultura e Subjetividade*. Porto Alegre. Artmed.

SIGNORINI, I. (org) (2008) (Re) *Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo. Parábola Editorial.

SMOLKA, A.L.B (1997) Esboço de Uma Perspectiva Teórico-Metodológica No Estudo de Processos de Construção de Conhecimento. In: Goes, M.C.R; Smolka, A.L.B. (Org.). *A significação nos espaços educacionais : interação social e subjetivação*. Campinas. Papirus. p. 29-45.

VOLOSHINOV. V. (1992) *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Madrid. Alianza Editorial. Orig.1929.

_____(1977) O discurso na vida e na arte.*In Hacia una filosofía del acto ético:los borradores y otros escritos*.Barcelona.Anthropos Editorial. Orig. 1926

WERTSCH, J. (1993) *Voces de la Mente: um enfoque sociocultural para el estudio de la acción mediada*. Madrid. Visor Distribuciones.

A Bakhtinian view of research on discourse studies

Abstract: This paper discusses the contribution of M.Bakhtin to the research in language studies, developed under the qualitative paradigm, considering that to understand and to interpret discursive events becomes necessary a theoretical and methodological approach to assess the complexity of its object of study.

Key-words: Knowledge production; Discursive Practices; Qualitative Research